

A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Fernando Nogueira Dias

No decorrer do século XX, as ideologias políticas conseguiram afirmar-se em diferentes países. Era esperado que o vazio que alguns pensaram ter sido deixado pelo declínio das religiões fizesse diminuir ou desaparecer o fervor dos homens e das sociedades em torno das crenças, mas tal não se verificou. O que houve foi apenas uma troca de campos simbólicos, ou seja, um trilhar de caminhos diferentes.

Os homens deixaram de lutar pela Igreja ou pelo rei, como se fizera em épocas anteriores, para passarem a lutar por grandes causas, ideias nacionais e patrióticas ou utopias internacionalistas, ideologias capazes de mobilizar e levar ao rubro milhões de homens e de mulheres, ou nações inteiras, ao ponto de se terem travado duas guerras mundiais e despoletado várias revoluções sociais de enormes repercussões para a humanidade¹.

Para a sociologia, ideologia é, de facto, um conceito fundamental no campo da construção social do conhecimento. Várias são, no entanto, as interpretações que se fazem deste conceito. Deve-se a Marx o grande contributo que deu nesta matéria. Todavia, para este autor, a ideologia tem um carácter negativo, visto que ela é associada à ideia de falsa consciência da realidade.

Para outros autores, a ideologia corresponde a um sistema de ideias que pautam as condutas individuais e colectivas. Nesta perspectiva, a ideologia está sempre associada à posição que os sujeitos têm na estrutura social, dela dependendo a interpretação que fazem da realidade. Assim, serão umas ideias valorizadas em desfavor de outras, consoante estejam ou não em consonância com a posição que os indivíduos ocupam na sociedade.

A ideologia pode também ser vista como formas peculiares de ver o mundo, resultantes de sistemas religiosos ou políticos, como é o caso do catolicismo, do protestantismo, do fascismo, do nazismo, do liberalismo, do socialismo, etc.

¹ *História por Voltaire Schilling*, retirado em 10 de Novembro de 2004 da world wide web:<http://educaterra.terra.com.br/voltair/index.htm>.

A ideologia pode também dizer respeito a um quadro de valores e crenças partilhado por determinados grupos, que respondem funcionalmente aos seus desejos e necessidades, constituindo por isso uma espécie de código normativo e inspirador das suas condutas².

Qualquer das definições, independentemente das palavras que usam e dos fins a que se destinam, têm subjacente a ideia de sistema, como algo articulado para atingir determinado fim ou finalidade no campo do conhecimento.

SISTEMAS DE CONHECIMENTO

Comecemos por definir o conceito de sistema. Socorrendo-nos da Teoria Geral dos Sistemas, podemos defini-lo como um conjunto de partes em constante *interacção* (interdependência das partes), constituindo um *todo sinérgico* (em que o todo é qualitativamente superior à soma das partes), orientado para determinados propósitos ou fins (comportamento *teleológico*), podendo o sistema atingir a sua finalidade a partir de pontos diferentes (*equifinalidade*)³.

A comunicação tem um papel importante na ideia de sistema. A comunicação alimenta os sistemas, mantendo-os vivos; dá-lhes coesão, porque liga as diferentes partes, e reforça a sua identidade. Por conseguinte, temos aqui uma triangulação a salientar: comunicação – sistema – conhecimento.

Quer dizer: a comunicação cria e reforça os sistemas de conhecimento, que é o nosso objecto de estudo neste trabalho. Significa isto que os processos de comunicação e de informação são imprescindíveis aos processos de conhecimento. O conhecimento advém dos processos de comunicação e de informação, e estes são, por sua vez, alimentados pelo conhecimento que emana dos indivíduos e dos grupos.

Dito isto, somos então conduzidos a outra ideia: a de que os processos de comunicação e de informação, bem como os processos de conhecimento, têm o seu

² Enciclopédia Digital Master Milénio, Consultada em 10 de Novembro de 2004 na world wide web:<http://enciclopedia.com.br/MED2000/pedia98a/soci6242.htm>.

³ Fernando Nogueira Dias (2001a: 28), *Droga e Toxicodependência na Imprensa Escrita*, Lisboa, Instituto Piaget.

meio natural na sociedade. É nela que se desenvolvem os processos de comunicação e de conhecimento, como também os de cultura. Mas é graças a estes processos que a sociedade se desenvolve⁴.

Decorrente dos padrões de cultura, dos processos de socialização que impregnam os indivíduos, da incorporação de determinados valores, dos interesses e das motivações que subjazem às redes de relações sociais, configuram-se sistemas de conhecimento próprios em cada uma das comunidades ou sociedades.

Os sistemas de conhecimento serão assim constituídos pelos diferentes elementos que lhe dão corpo e identidade próprios, como é o caso das ideias, dos conceitos, preconceitos, esquemas mentais, categorias sociais, atitudes colectivas, sentimentos colectivos, crenças, representações colectivas, arquétipos, mentalidade colectiva, hábitos mentais, sistemas de classificação, metáforas, imagens, estereótipos, etc.⁵.

Porque os sistemas de conhecimento são processos sociais e porque é no meio social que estes se desenvolvem, os sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann⁶, dizem-nos que é a sociedade que estabelece aquilo que deve ser considerado «conhecimento» e as realidades que devem ser conhecidas. Estes pressupostos levam a que o quotidiano seja apresentado aos indivíduos como realidade já interpretada, ordenada e padronizada pela própria sociedade.

Como é de ver, cada sujeito é também protagonista numa parte importante do processo de conhecimento. Todavia, remetemo-nos neste trabalho para o conhecimento relativo aos processos sociais, e não ao conhecimento individual, uma vez que quando nele há manipulação nos estamos a referir a padrões, ou seja, a sistemas de conhecimento.

⁴ Esta circularidade epistemológica é desenvolvida pelo autor na obra *Sistemas de Comunicação, de Cultura e de Conhecimento, Um Olhar Sociológico*, Lisboa, Instituto Piaget, publicada em 2001.

⁵ Fernando Nogueira Dias (2001a: 93-94), *Droga e Toxicoddependência na Imprensa Escrita, Discurso e Percurso*, Lisboa, Instituto Piaget. Relativamente a este assunto, veja-se esta obra, a qual trata, de forma aprofundada, o problema da massificação das mensagens da comunicação social e as repercussões no conhecimento.

⁶ Peter Berger e Thomas Luckmann (1973 : 36-37), *A Construção Social da Realidade*, Rio de Janeiro, Editora Vozes.

Qual a importância dos sistemas de conhecimento na vida das pessoas? Os sistemas de conhecimentos, independentemente do uso que lhes dão actores e agentes sociais, «normalizam» a vida em sociedade, em grupos, organizações e individualmente. Os sujeitos que deles beneficiam sentem-se seguros pelo padrão de referência que os sistemas de conhecimento constituem para si.

Podemos dizer que os sistemas de conhecimento economizam a percepção da realidade, através de fórmulas socialmente já elaboradas para dar sentido àquilo que é visto e não visto, conhecido e a conhecer; seleccionam o que deve ser visto, filtram o que não é conveniente ser conhecido; dão orientação estruturada ao campo dos afectos e das emoções; enquadram normativamente os comportamentos dos indivíduos e dos colectivos e, finalmente, dão sentido à acção humana.

Como se poderá entender de tudo o que dissemos, manipular a comunicação, as palavras ou os discursos, equivale, por concatenação, manipular o conhecimento. Uma vez manipulado o conhecimento teremos também percepções, sentimentos, emoções e comportamentos manipulados. E ao chegar aqui, estamos em sintonia com a proposta de Marx quanto à ideia que ele tem de ideologia, associada a alienação.

Na acepção marxista, um sistema de conhecimento, equivalente a ideologia, é um sistema disfuncional, porque não corresponde à realidade; há uma falsa consciência, uma percepção incompleta do mundo e da vida.

O CONHECIMENTO CONDICIONADO

Uma das formas de condicionamento do conhecimento são os processos estereotípicos veiculados essencialmente pelos meios de comunicação de massa. No livro de Fernando Nogueira Dias⁷, com o título *Droga e Toxicodependência na Imprensa Escrita, Discurso e Percorso*, atrás referida, o autor mostra claramente a dureza desta realidade. A massificação, pela repetição, de determinadas palavras ou ideias produz nos receptores configurações de conhecimento que, em casos

⁷ *Op. cit.*, pp. 113-116.

extremos, podem desligar-se da própria realidade. É aquilo que se pode designar de conhecimento reificado.

O conhecimento reificado é um conhecimento alienado. Representa um corte entre os símbolos e a realidade que originalmente pretendiam representar. Vários estudos sociológicos realizados em diferentes partes do mundo mostram-nos que, quando a estereotipia caracteriza as mensagens dos meios de comunicação, se verifica-se uma alteração na condução dos acontecimentos. Quer dizer, os indivíduos passam a ter percepções e condutas de acordo com os estereótipos difundidos ou reforçados pelos meios de comunicação⁸.

Por aqui se vê o quão importante é a aproximação da comunicação às realidades sociais e humanas. Quanto maior for o seu grau de aproximação mais coesa é a relação entre o conhecimento e a realidade que temos do mundo. Alterar intencionalmente, com fins malévolos este equilíbrio, diríamos «natural», é entrar no campo da manipulação, não só das palavras como também do conhecimento – afinal, do mundo e da vida.

Comparativamente com o animal, o homem é o único ser com a capacidade desenvolvida de anunciar uma coisa e fazer outra, exactamente ao contrário. É uma aptidão que lhe advém da sua complexidade organizacional e, por consequência, da sua capacidade de simbolizar as coisas e a vida.

No seu livro *Sistemas de Comunicação, de Cultura e de Conhecimento*, Fernando Nogueira Dias⁹ mostra-nos como as rotinas dos profissionais de comunicação podem tornar a variabilidade simbólica em discursos estereotipados, sem novidade informativa e distorçoras do conhecimento.

O homem é por excelência um produtor de símbolos, que lhe resulta da sua excepcional capacidade de acumular e manipular quantidades apreciáveis de informação. Graças a esta capacidade, os indivíduos tecem estrategicamente teias de relações e de estruturas sociais e simbólicas cada vez mais complexas, que depois procuram simplificar por mecanismos de redundância, de repetição, para dar ordem

⁸ *Id.*

⁹ Fernando Nogueira Dias (2001b: 11-16), *Sistemas de Comunicação, de Cultura e de Conhecimento, Um Olhar Sociológico*, Lisboa, Instituto Piaget.

ao mundo e às suas vivências e para não se sentirem perdidos no caos da complexidade informativa.

Ao procurar simplificar a realidade percebida, os sistemas de conhecimento socialmente construídos correm o risco de tornar-se excessivamente empobrecidos, pela operação dos mecanismos de repetição, simplificação, tipificação e esquematização. O mesmo é dizer que os sistemas de conhecimento se tornam estereotipados.

Consequência de tudo isto, gera-se, através dos processos de comunicação, a reificação do conhecimento objectivado ou, se quisermos, uma *matalinguagem* da realidade social há muito desligada dos problemas concretos do homem, processo no qual os meios de comunicação social assumem um papel determinante.

O problema da heterogeneidade ou da homogeneidade informativa é crucial ao entendimento dos mecanismos de formação da opinião pública e, por consequência, à compreensão das consequências e impacto que tais processos têm nos sistemas de conhecimento. É que, a opinião, seja ela pública ou individual, não é possível de formar-se sem processos de comunicação e de informação¹⁰.

Detentor de informação armazenada, e com capacidade para dela dispor em qualquer momento, os indivíduos podem dar-lhe o tratamento que entenderem (fazer arranjos) face às situações que têm de enfrentar. Disto resulta que o ser humano está apto a criar realidades informativas (simbólicas) cada vez mais complexas.

Face à complexidade informacional e simbólica, os actores e agentes sociais sentem-se na necessidade de desenvolver capacidades de codificação e estratégias sofisticadas de transmissão de informação. Mas como os receptores têm geralmente dificuldade em descodificar facilmente a informação, a ambiguidade informativa é um «inimigo» a abater por todos os profissionais ligados à comunicação.

Cria-se, assim, nos sistemas sociais um paradoxo de enormes proporções: o ser humano gera a complexidade informativa e tem, em seguida, de combatê-la

¹⁰ Fernando Nogueira Dias (2001a), *Droga e Toxicoddependência na Imprensa Escrita, Discurso e Percurso*, Lisboa, Instituto Piaget.

através de processos de simplificação, nomeadamente através das técnicas jornalísticas.

Com a preocupação de informar as audiências sem ambiguidade, e tendo em conta os condicionalismos de tempo e espaço na actividade jornalística, gera-se um outro paradoxo: a simplificação resvala em mensagens estereotipadas.

Estando o sistema social saturado de mensagens estereotipadas sobre determinado assunto que interessa aos indivíduos, a construção social da própria realidade fica enviesada. Quer dizer, a informação é estruturada de acordo com os parâmetros que constituem o contexto geral de percepção – o entendimento que se faz sobre determinada realidade não pode assim deixar de ser globalmente aquele.

BIBLIOGRAFIA

- BATESON, Gregory (1987), *Natureza e Espírito*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- BERGER, Peter e Thomas Luckmann (1973) *A Construção Social da Realidade*, Rio de Janeiro, Editora Vozes.
- BERGER, Peter e Thomas Luckmann (1999), *A Construção Social da Relaidade*, Lisboa, Dinalivro.
- BENESCH, Helmut e Walter Schmandt (1982) *in* Dorozynski, Alexandre, *A Manipulação dos Espíritos*, Lisboa, Assírio e Alvim.
- BOURDIEU, Pierre (1989), *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel.
- BRETON, Philippe (1994) *A Utopia da Comunicação*, Lisboa, Instituto Piaget.
- BRETON, Philippe (2002), *A Palavra Manipulada*, Lisboa, Editorial Caminho.
- CAZENEUVE, Jean (Direcção) (s/d), *Guia Alfabético das Comunicações de Massas*, Lisboa, Edições 70.
- COMSKY, Noam (2001), *Nova Iorque, 11 de Setembro*, Lisboa, Editorial Caminho.
- CORREIA, João Carlos (1998), *Jornalismo e Espaço Público*, Covilhã, UBI.
- COUTINHO, Jorge (2003), *Filosofia do Conhecimento*, Lisboa, Universidade Católica.
- DIAS, A. Fernando Nogueira (1999), *A Imprensa Escrita, a Droga e a Toxicoddependência: Da Massificação à Estereotipia dos Discursos*, Tese de Doutoramento em Sociologia, UBI.

- DIAS, Fernando Nogueira (2001a), *Droga e Toxicodependência na Imprensa Escrita, Discurso e Percurso*, Lisboa, Instituto Piaget.
- DIAS, Fernando Nogueira (2001b), *Sistemas de Comunicação, de Conhecimento e de Cultura, um Olhar Sociológico*, Lisboa, Instituto Piaget.
- DOROZYNSKI, Alexandre *et al.* (1982), *A Manipulação dos Espíritos*, Lisboa, Assírio e Alvim.
- ELIAS, Norbert (1994), *Teoria Simbólica*, Oeiras, Celta Editora.
- ESTEVES, João Pissarra (1998), *A Ética da Comunicação e os Media Modernos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e JNICT.
- FESTINGER, Leon (1975), *Teoria da Dissonância Cognitiva*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- GASSET, Ortega y (1989), *A Rebelião das Massas*, Lisboa, Relógio d'Água.
- GUIDDENS, Anthony (1992), *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora.
- JORNAL «EXPRESSO», de 20 de Novembro de 2004.
- LE WINTER, Oswald (2002), *Democracia e Secretismo*, Publicações Europa-América, Mem Martins.
- LÓPEZ, Gabriel Galdón (2003), *Desinformação e os Limites da Informação*, Lisboa, Folhas e Letras.
- KRISTEVA, Julia (s/d), *História da Linguagem*, Lisboa, Edições 70.
- LÉVY, Pierre (1994), *As Tecnologias da Inteligência*, Lisboa, Instituto Piaget.
- LYOTARD, Jean-François (1989), *A Condição Pós-moderna*, Lisboa, Gradiva.
- MORIN, Edgar (1995), *Introdução ao Pensamento Complexo*, Lisboa, Instituto Piaget.
- OLIVEIRA, José Manuel Paquete de (1988), *Formas de Censura Oculta na Imprensa Escrita em Portugal no Pós 25 de Abril* (Dissertação de Doutoramento em Sociologia), Universidade Técnica de Lisboa.
- PARSONS, Talcott (1969), *Sociedades, Perspectivas Evolutivas e Comparativas*, São Paulo, Livraria Pioneira Editora.
- PARSONS, Talcott (1974), *O Sistema das Sociedades Modernas*, São Paulo, Livraria Pioneira Editora.
- QUIVY, Raymond *et al.* (1992), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.

- RAMONET, Ignacio (1999), *A Tirania da Comunicação*, Porto, Campo das Letras.
- REBELO, José (1998), *Contribuição para o Estudo das Práticas Discursivas do Salazarismo*, Dissertação de Doutoramento em Sociologia, ISCTE.
- REBELO, José (2000), *O Discurso do Jornal*, Lisboa, Notícias Editorial.
- RODRIGUES (1990), Adriano Duarte, *Estratégias da Comunicação*, Lisboa, Editorial Presença.
- RODRIGUES, Adriano Duarte (1994), *Comunicação e Cultura, A Experiência Cultural na Era da Informação*, Lisboa, Editorial Presença.
- SAPERAS, Enric (1993), *Os Efeitos Cognitivos da Comunicação de Massa*, Porto, Edições ASA.
- SFEZ, Lucien (1994), *Crítica da Comunicação*, Lisboa, Instituto Piaget.
- TOFFLER, Alvin (1991), *Os Novos Poderes*, Lisboa, Livros do Brasil.
- WATZLAWICK, Paul *et al.* (1989), *Une Logique de la Communication*, Paris, Editions du Seuil.
- WATZLAWICK, Paul (1991), *A Realidade é Real?*, Lisboa, Relógio d'Água.
- WATZLAWICK, Paul (1993), *A Pragmática da Comunicação*, São Paulo, Editora Cultrix.
- WIENER, Norbert (s/d), *Cibernética e Sociedade*, São Paulo, Editora Cultrix.

REVISTAS CIENTÍFICAS

- AAVV (Org. Nelson Traquina), (2000), *Jornalismo 2000*, «Revista Comunicação e Linguagen», Nº 27, de Fevereiro de 2000.
- MESQUITA, Mário (Org. de), (1995), "Comunicação e Política", *Revista de Comunicação e Linguagens*, Lisboa, Edições Cosmos, 21-22.
- WOLTON, Dominique (1995), "As Contradições do Espaço Público" *in Revista de Comunicação e Linguagens*, Lisboa, Edições Cosmos.

JORNAIS E REVISTAS INFORMATIVOS

- ALVES, Clara Ferreira (2004), *Os «Merdia», in "Única"*, p. 112, Expresso de 6 de Novembro.

- CASTANHEIRA, José Pedro (2004), *A Banalidade do Mal*, in «Actual», p. 54, Expresso, de 20 de Novembro.
- ESTRELA, Edite (2001), *Sem Contenção, Tudo em Directo!*, in «Expresso», de 1 de Setembro.
- FIGUEIREDO, Cristina e Manuel Agostinho Magalhães (2004), *O 'Show' de António Gueterres*, in "Expresso", de 13 de Novembro.
- MONTEIRO, Henrique (2001), *Os Pequenos Dramas*, in «Expresso», de 1 de Setembro.
- QUERIDO, Paulo (2004), *A Benevolente Censura Chinesa*, in "Única", p. 104, Expresso de 6 de Novembro.
- SAMPAIO, Áurea e Sónia Sapage (2004), *Manobras em S. Bento*, in "Visão" Nº 606, pp. 48-51, de 14 a 20 de Outubro.
- SANTOS, Nicolau (2004), *Da Concentração do 'Media'*, in «Expresso», de 13 de Novembro.
- SARAIVA, José António (2004), *Soares e Bush*, in «Expresso», de 13 de Novembro.

PÁGINAS DA WEB

ENCICLOPÉDIA DIGITAL MASTER MILÉNIO, consultada em 10 de Novembro de 2004 de world wide web: <http://enciclopedia.com.br/MED2000/pedia98a/soci6242.htm>.

FIDALGO, António, *A Distância como Virtude. Considerações Sobre Ética da Comunicação*, retirado em 6 de Maio de 2003 da world wide web: <http://bocc.ubi.pt>.
História por Voltaire Schilling, retirado em 10 de Novembro de 2004 da world wide web: <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/index.htm>.

PORTAL DOS JORNALISTAS, *Código Deontológico dos Jornalistas Portugueses*, retirado em 11 de Novembro de 2004 da world wide web: <http://jornalistas.com>.

RODRIGUES, Adriano (1985a), *Figuras das Máquinas Censurantes Modernas*, retirado em 6 de Maio de 2003 da world wide web: <http://bocc.ubi.pt>.

RODRIGUES, Adriano (1985b), *O Público e o Privado*, retirado em 6 de Maio de 2003 da world wide web: <http://bocc.ubi.pt>.

